



CORPO FEMININO E SAÚDE DA MULHER: PROMOÇÃO DA SAÚDE NO CENÁRIO RELIGIOSO

Camila Sabino Teixeira¹
Cleide Sandra Tavares Araújo²

Resumo

O objetivo da pesquisa é relatar uma experiência de promoção da saúde em um grupo religioso protestante. Para isto é discutido em como se dá a noção de corpo e sexualidade da sociedade e sua relação com a religião cristã católico e protestante. A discussão sobre a sexualidade humana não é um assunto atual. Na América do Sul, especificamente no Brasil, a Educação Sexual está relacionada com a repressão do sexo e o desenvolvimento capitalista. A experiência descrita neste trabalho se deu em três igrejas de corrente histórica e tradicional, sendo duas dela na cidade de Anápolis e outra em Edéia, ambos locais no estado de Goiás. Apesar do espaço social e humanitário que a Igreja cede, ainda é um ambiente sem muitas aberturas, de controle e restrição.

Palavras-chave: Corpo feminino. Religião. Relato de experiência.

Noções de Sexualidade e Religiosidade


A discussão sobre a sexualidade humana não é um assunto atual. A ênfase da sexualidade em saúde pública tem sido uma das preocupações dos governantes, principalmente voltado à faixa etária jovem. A preocupação com os temas que circundam esse grande eixo temático tem se refletido nas atuais discussões na academia, legislação pública e educacional.

A minha experiência com Educação Sexual deu-se início ainda na graduação, quando idealizei e executei um projeto com adolescentes, jovens e adultos em uma escola pública por meio do PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. Em leituras diversas, pesquisas em livros e artigos, conversa com colegas de sala e professores da escola

¹ Mestranda no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências (UEG – CCET, Campus Anápolis de Ciências Exatas e Tecnológicas Henrique Santillo, Anápolis-GO), camilasabinoteixeira@gmail.com

² Pós-doutorado em Química, docente do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências (UEG – CCET, Campus Anápolis de Ciências Exatas e Tecnológicas Henrique Santillo, Anápolis-GO) cstarjb@yahoo.com.br





campo do projeto, percebi a influência de dogmas religiosos sobre a concepção de sexualidade e corpo que alguns alunos e professores expressavam. Isto me fez questionar por que pouco se fala e escreve a respeito da postura religiosa quanto ao trabalho de Educação Sexual formal e não formal.

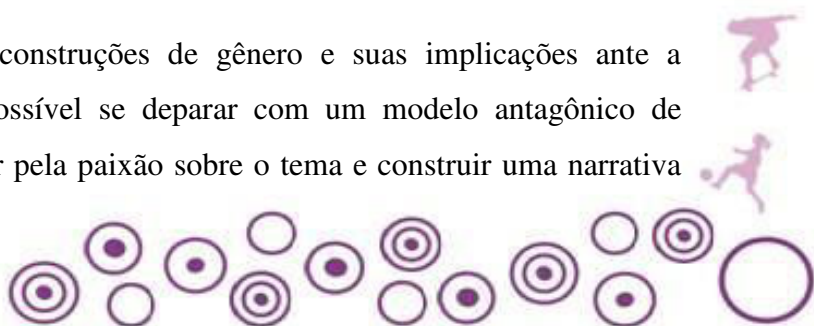
Apesar da sexualidade não ser um tópico atual, como já foi descrito acima, o estudo da Educação Sexual é novo. Porém, nos últimos anos, é possível perceber a ampliação das pesquisas no Brasil, sejam elas teóricas ou práticas (PINTO, 2003). Algo também perceptível são as diferentes terminologias para abordar a temática, que podem dar diferentes significações as classificações e contextualizações (FIGUEIRÓ, 1996; RIZZA, 2013), desta forma, tanto os responsáveis pela educação formal quanto a população em geral podem se confundir nas discussões, o que interfere no avanço do corpo teórico e prático desta área de conhecimento.


A definição de Educação Sexual que tem norteado minha atual pesquisa e que trago às claras quanto estou a me indagar quanto questões e ponderações é a de Figueiró (1996, p.51) que diz que Educação Sexual é “toda ação ensino/aprendizagem sobre a sexualidade humana”. Desta forma acredito diferentes abordagens que possam existir sobre Educação Sexual são igualmente contempladas nesta afirmação.

A ligação entre a sexualidade e a religião é antiga. Na história este relacionamento transpassa pela liberdade e a restrição, dependendo da Era e Continente. Sobre o modelo tradicional europeu cristão, ao qual nós brasileiros somos culturalmente inseridos, Foucault (1988) traz uma profunda discussão sobre como a Educação Sexual está relacionada com a repressão do sexo e o desenvolvimento capitalista. Desta forma, o medo, o pecado, a punição, a restrição da sexualidade humana à biologia, a construção do corpo para procriação, a dicotomia na criação de indivíduos de sexos opostos e a demonização das práticas sexuais criam um cenário de avanços e retrocessos no cenário público e político.

É bem verdade que Figueiró (1996) aponta os diferentes modelos religiosos cristãos, onde existem as variações “libertadoras” que questionam e tentam despertar os seguidores a questionar, onde a Educação Sexual é “instrumento de transformação, dando oportunidade ao criticismo em conjunto com os princípios fundamentais cristãos” (TEIXEIRA; ARAÚJO; SOUZA, 2017). Mas não pode excluir que este modelo é exceção ao dogma central no qual foi firmada nossa cultura.

Quando nos voltamos para as construções de gênero e suas implicações ante a sexualidade relacionada a religião é possível se deparar com um modelo antagônico de comportamento. Poderia me deixar levar pela paixão sobre o tema e construir uma narrativa





comparativa sobre as relações de gênero expressas na sociedade machista e patriarcal, porém, para atender os objetivos centrais deste trabalho, me apegarei as construções do sexo feminino.

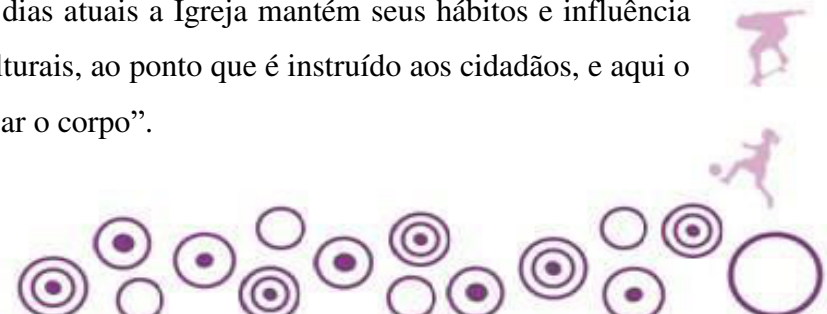
O pensamento ocidental é firmado em uma cultura onde fêmea e macho ao nascerem são predestinados a caminhos específicos, onde a fêmea, criada da costela de um macho, é em aspectos biológicos e cognitivos desenhada à submissão (TEIXEIRA; COSTA, 2008). É construída então a ideia de um “sexo frágil”, feminino e dócil, destinada a ser companheira e incentivadora.


Desde então a história da mulher se divide em dois estados: a história bíblica do velho testamento e do novo testamento. Em Gênesis a mulher traz trevas, vergonha e pecado, no qual, em seu papel de incentivadora, induziu o homem a errar. No Evangelho segundo Mateus, uma mulher pura traz a salvação à humanidade.

Há estudos que evidenciam que importantes pintores de cenas bíblicas renascentistas, ao retratarem o relato da expulsão do primeiro casal do paraíso, o fazem mostrando Eva como uma figura concupiscente e objeto de pecaminoso desejo por parte de um Adão, que usualmente aparece em atitude sofredora. A associação do homem com o Sol e da mulher com a Luz traz outra marca de discriminação: o Sol brilha sempre e marca o dia, a luz. A Lua tem fases, oculta-se, faz mistérios, é a marca da noite, lembra as trevas. [...] Mas Eva não foi apenas a primeira mulher. Foi a primeira bruxa, pois passou a ser detentora de saberes que a serpente lhe revelara a esses Adão não conhecera. [...] Assim são consideradas bruxas aquelas mulheres que conhecem os trabalhos de parto ou as que resolvem com chás problemas de infertilidade de casais [...] Tais conhecimentos não podem ficar em posse daquela que está em uma condição submissa. (CHASSOT, 2004b, p. 163-164).

Reafirmado em filmes, músicas e novelas, tem-se então a mulher que, ou é a mocinha que precisa ser resgatada e cuidada pelo homem ou a má que seu objetivo é a corrupção e ruína masculina. Fato que pode ser exemplificado com a chegada dos primeiros padres jesuítas ao Brasil, onde os homens coloniais eram conduzidos ao pecado pelas índias luxuriosas que tinham “sede de libertinagem”. Para impor a moral foi suplicado ao rei que enviassem mulheres brancas, para que os portugueses dessem de novo ao sagrado matrimônio (SILVA, 2008).

A Igreja, atrelada ao Estado, impôs moral sexual a partir de uma visão tradicional conservadora, investigando denúncias e implicando leis. Apesar que, com a proclamação da república, Igreja e Estado romperam, o Estado ainda reconhecia a Igreja Católica e lhe dava espaço para exercer sua missão. Até os dias atuais a Igreja mantém seus hábitos e influência economia, política, relações sociais e culturais, ao ponto que é instruído aos cidadãos, e aqui o enfoque nas mulheres, como se deve “usar o corpo”.





Segundo o dogma central cristão, o corpo é guardado para a procriação. Logo, a sexualidade, é reduzida a relação sexual. O toque no corpo procurando prazer e satisfação pessoal é tido como pecado mortal e moral. Os casais podem buscar o prazer, desde que não se usem de nenhuma intenção de impedir a procriação (LEMOS, 2011). Neste aspecto, a Reforma Protestante foi um marco para a sexualidade, já que os fiéis cristãos protestantes não são impedidos da utilização de métodos contraceptivos, como na Igreja Católica.

A “morte” (espiritual e não física) se torna o veículo de controle da Igreja quanto ao corpo. O que gera constrangimento em conversas abertas sobre temáticas de Educação Sexual e conhecimento teórico e tátil do próprio corpo. O resultado disto são discussões necessárias que não são especificamente sobre reprodução, mas fazem parte da temática, serem negligenciadas e evitadas, como por exemplo: assédio sexual, violência física e psicológica, estupro, entre outros.

Para não perder o controle, mas sem ignorar os aspectos de saúde pública, a Igreja reduz a discussão de Educação Sexual à biologia, de forma que a higiene é incentivada. Porém, o “uso do corpo” é discutido de forma que suas intenções e padrões espirituais de pureza sejam mantidos.

A Igreja como agente de promoção da saúde


A Igreja, não somente a Católica, possui um papel importante em ação solidária e tem participação efetiva no suprimento de necessidades básicas humanas. Neste viés, a saúde pública torna-se um dos alvos das religiões, inclusive da cristã. A ajuda ao próximo, enfrentamento de doenças e o bem-estar próprio e dos “irmãos”, são preocupações da comunidade cristã como rede de apoio social (FERREIRA *et al.*, 2011).

A promoção da saúde é um processo que visa a melhoria da qualidade de vida de quem ela alcança de forma individual e coletiva (BÜCHELE; COELHO; LINDNER, 2009). Nesta perspectiva, a comunidade religiosa visa a prevenção, reabilitação e educação dos fiéis.

Tive três experiências como promotora da saúde para grupos de mulheres. Duas em 2015, quando fui chamada em um evento de nome “Culto Rosa” que se deu em Outubro em duas congregações em bairros distintos. Nome este em alusão a Campanha Mundial “Outubro Rosa”. A outra oportunidade foi em uma reunião de mulheres para falar sobre a “Saúde da Mulher”, que aconteceu no ano de 2017.

As reuniões aconteceram no estado de Goiás, sendo as duas primeiras citadas na cidade de Anápolis e a segunda na cidade de Edéia. Ambas fazem parte da mesma denominação – Igreja Cristã Evangélica do Brasil. Esta denominação se iniciou no Brasil no






ano de 1901, por meio de missionários canadenses que vieram a América do Sul e se instalaram fundando a primeira igreja em São Paulo (informações retiradas do site oficial da denominação). Esta denominação faz parte da corrente religiosa chamado “tradicional” ou “igrejas históricas”.

Apesar de serem parte da mesma denominação há contextos bem definidos e diferenciados de públicos, que podem ser devidos a diferença entre cidades. Anápolis é uma cidade com aproximadamente 375.142 habitantes (IBGE/2017), situada a 50km da capital Goiânia e de grande polo industrial. Edéia é situada no interior do estado de Goiás, 120km da capital Goiânia, com aproximadamente 11.952 habitantes (IBGE/2014).

Assim como distintas em suas características, os motivos que me procuraram para o encontro com os grupos de mulheres foram distintos. Nos dois primeiros, em Anápolis, era apenas para a programação que tinha como base a Campanha “Outubro Rosa”, para falar sobre os métodos usados para prevenção do câncer de mama. No grupo em Edéia a motivação foi a preocupação da líder ao perceber em conversas informais que muitas senhoras da igreja não tinham costume de ir ao médico especialista em ginecologia, além de desconhecimento sobre cuidados com a higiene corporal. Como esperado e discutido os motivos anteriormente, as sugestões feitas para a condução da discussão eram restritas a biologia, excluindo qualquer aspecto social e emocional.

Nos grupos houveram participação similar, em torno de 20 mulheres, tendo diferença de idade. Na cidade de Anápolis os grupos eram de apenas mulheres adultas e na cidade de Edéia continham presentes de crianças à idosas. Nos dois primeiros grupos, onde falou-se sobre o câncer de mama e a prevenção, houve pouca participação do público e, todas que faziam uso da palavra, se mostravam bem inteiradas do assunto reafirmando e pontuando algumas situações pessoais que complementavam a parte teórica. Houve mais participação quando se falou no aspecto emocional relacionado a doença, sobre a descaracterização da feminilidade perante a sociedade durante tratamentos mais agressivos (queda de cabelos e/ou retirada da mama). Na cidade de Edéia houve uma manifestação maior do público. As crianças e adolescentes presentes se mantiveram visivelmente desconfortáveis durante todo o encontro, onde, acompanhadas pelas mães, a olhavam buscando aprovação ou reprovação, dependendo do tópico que era abordado. Mesmo entre as senhoras, houveram momentos de risos, principalmente quando era falado o nome dos órgãos sexuais masculinos e femininos. Falou-se sobre a higienização da vagina, métodos contraceptivos e a liberdade/autonomia da mulher em escolher o seu uso ou desuso. Também foram abordados, saúde psicológica da





mulher e a relação sexual. A medida que se discutia sobre o assunto, as mulheres se sentiam mais a vontade para compartilhar histórias pessoais.

É pertinente destacar a preocupação das mulheres presentes, em como lidar com o corpo. Sabemos que em instituições religiosas há direcionamento direto em relação ao uso do corpo (RIGONI; PRODÓCIMO, 2013). Por este motivo, é compreensível o desconforto, principalmente no terceiro grupo na cidade de Edéia onde haviam diferentes faixas etárias, quando se fala em cuidados do corpo humano e órgãos reprodutores, já que a ideia de “uso do corpo” e “cair em pecado” estão em alguns momentos próximos. Os nomes dos órgãos sexuais causam, neste sentido, constrangimento, como se fossem termos a evitar.


No entanto, de acordo com Vasconcelos (2010) existe um padrão de qualidade de vida e condições de saúde aqueles que fazem parte de um grupo religioso, visto que há comprometimento dos fiéis no cumprimento do que é ensinado naquele ambiente.

Um número considerável de pesquisas mostra que a participação como membro de religiões está fortemente associada a um comportamento saudável. Quase todas as religiões ditam comportamentos com relação à saúde, à doença e à morte. Para as pessoas que seguem uma religião, muitas das doutrinas ou ensinamentos de sua fé oferecem orientação moral e prática com relação a como promover, conservar ou recuperar a saúde ou o bem-estar físico e emocional. Embora nem todas as pessoas com afiliação religiosa sigam todas as diretrizes relacionadas com a saúde propostas pela sua crença, não há dúvida de que se pode esperar que, na média, as pessoas que relatam uma identidade religiosa têm mais probabilidade de seguir as regras da sua religião do que as pessoas que relatam não ter nenhuma afiliação religiosa. Além das regras presentes nos ensinamentos religiosos, a consideração do corpo humano como sagrado, frequentemente presente nas mesmas, leva o crente a valorizar os cuidados de saúde. (VASCONCELOS, 2010, p.14).

Neste sentido, tem-se o reconhecimento da força das instituições religiosas quanto a efetividade da promoção da saúde. Há-se uma tendência em dar enfoque ao lado mais cruel e limitador da religião cristã quanto a sexualidade, que é também verdadeiro e é intenção minha ou deste trabalho derrubá-lo, mas há um lado luminoso que pouco há estudos científicos sobre ele, onde existe a oportunidade do aprendizado científico, ainda que limitado e direcionado, nos ambientes religiosos.

Pouco se fala dos aspectos sociais e emocionais ligados ao corpo feminino e, quando me convidaram para estas palestras não indicaram que este seria um dos tópicos a serem abordados, no entanto, como educadora, me senti com o dever de abordar tais aspectos também. Este foi um momento da discussão que houve mais participação em todos os encontros. Esta problemática não é exclusivo dos seguimentos religiosos. A biologização do corpo humano é um erro comum nos estudos que abordam a sexualidade humana (PINTO, 2003). E isto é ainda mais intensificado quando se fala do corpo feminino, visto que são visíveis as mudanças externas ao longo da vida, ao passo que ser fêmea e ser mulher são





palavras de contextos distintos, reproduzir e ser mãe envolvem aspectos biológicos e sociais diferentes. De alguma maneira, a ciência pouco se despertou para estes aspectos quando o foco é Educação Sexual. Neste sentido, Pinto (2003) vê na religião um “terreno simbólico” onde o concreto é ultrapassado pela simbologia e o grupo tem importância assim como o individual.

Considerações finais

Mesmo sendo um ambiente de controle civil e moral, a Igreja ainda abre espaço para a Educação Sexual. Porém, possui ainda limitações claras, reduzindo a sexualidade a conteúdos biologicistas e desvinculados de aspectos sociais e emocionais. No entanto, profissionais que obtiverem esse espaço de fala em instituições religiosas precisam considerar o seu papel como educador e promotor da saúde, não só física, mas psicológica.

Ainda há resistência da Igreja quanto alguns assuntos sobre a sexualidade humana e, mesmo com a implantação de programas sociais, os aspectos educacionais são fragmentados por não serem conduzidos de forma integral, em um viés integrados de sociedade, cultural, política e economia.

Em alguns grupos religiosos, o medo e a vergonha do próprio corpo, seguido de desconhecimento, ainda é presente. Isso mostra que, mesmo com possíveis correntes “libertadoras”, o modelo tradicional apostólico romano ainda é presente em grupos protestantes. É preciso que educadores, no trabalho de Educação Sexual, desenvolva meios de alcançar estes grupos para que seus componentes possam refletir sobre os avanços das políticas públicas e, assim, auxiliar na resolução de problemas individuais e coletivos, criando um cenário religioso cristão.

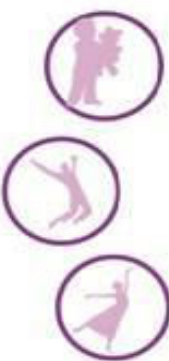
Agradecimento

Agradeço à UEG pela bolsa e fomento concedidos.

Referências

BÜCHELE, F.; COELHO, E. B. S.; LINDNER, S. R. A promoção da saúde enquanto estratégia de prevenção ao uso de drogas. **Ciênc. Saúde Colet.**, v. 14, n. 1, p. 267-73, 2009.
CHASSOT, A. A CIÊNCIA É MASCULINA? É, sim senhora!... **Contexto e Educação**. Editora UNIJUÍ, v. 19, n. 71/72, jan./dez, 2004, p. 9-28.





FERREIRA, A. G. N.; GUBERT, F. A.; MARTINS, A. K. L.; GALVÃO, M. T. G.; VIEIRA, N. F. C.; PINHEIRO, P. N. C. Promoção da saúde no cenário religioso: possibilidades para o cuidado de enfermagem. **Rev. Gaúcha Enferm.**, v. 32, n. 4, p. 744-50, dez 2011.

FIGUEIRÓ, M. N. D. A produção teórica no Brasil sobre Educação Sexual. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n. 98, p. 50-63, ago. 1996.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

LEMONS, C. T. Vida e medo: concepções de corpo e sexualidade na tradição cristã-católica. **Horizonte**, v. 9, n. 21, p. 284-305, abr./jun.2011.

PINTO, Ê. B. Orientação Sexual na Escola e Religião: Um diálogo que se faz urgente. **Abc Educatio**, São Paulo, v. 4, n. 28, p. 28-31, 2003.

RIGONI, A. C. C.; PRODÓCIMO, E. Corpo e Religião: marcas da educação evangélica no corpo feminino. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 227-243, jan./mar. 2013.

RIZZA, J. L. Educação Sexual, Orientação Sexual, Educação para a Sexualidade. **Rev. Diversidade e Educação**, v. 1, n. 1, p. 6-9, jan./jun. 2013.

SILVA, J. A. **O olhar das religiões sobre a sexualidade**. 2008. Site Dia de Educação-Governo do Paraná. Disponível em:

<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/728-4.pdf>> Acesso em: maio 2018.

TEIXEIRA, C. S.; ARAÚJO, C. S. T.; SOUZA, E. D. A produção científica brasileira e a abordagem sobre Educação Sexual na Educação Básica. **Revista Mirante**, v. 10, n. 4 (edição especial PPEC.), out. 2017.

TEIXEIRA, R. R. P.; COSTA, P. Z. Impressões de estudantes universitários sobre a presença das mulheres na Ciência. **Rev. Ensaio**, Belo Horizonte, v. 10, n. 02, p. 217-234, jul./dez. 2008.

VASCONCELOS, E. M. A associação entre vida religiosa e saúde: uma breve revisão de estudos quantitativos. **Rev. Eletr. De Com. Inf. Inov. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 12-18, set. 2010.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

